

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

MARIA ELZA LOPES CABRAL

**A AUSÊNCIA DA LÍNGUA LATINA EM LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA
PORTUGUESA: UM ESTUDO DE CASO**

JARDIM-MS

2013

MARIA ELZA LOPES CABRAL

**A AUSÊNCIA DA LÍNGUA LATINA EM LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA
PORTUGUESA: UM ESTUDO DE CASO**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Letras Habilitação Português-Inglês da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Me. Clemilton Pereira dos Santos

JARDIM-MS

2013

CABRAL, Maria Elza Lopes.

A ausência da língua latina em livro didático de língua portuguesa: um estudo de caso. Maria Elza Lopes. Jardim: UEMS, 2013. 51 p.; 30 cm.

Bibliografia

Monografia de Graduação – Curso de Letras Habilitação Português-Inglês – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

1) Livro didático. 2) Língua portuguesa. 3) Língua latina

É concedida à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul a permissão para publicação e reprodução de cópia(s) deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) somente para propósitos acadêmicos e científicos, resguardando-se a autoria do trabalho.

Maria Elza Lopes Cabral

MARIA ELZA LOPES CABRAL

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS-INGLÊS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**A AUSÊNCIA DA LÍNGUA LATINA EM LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA
PORTUGUESA: UM ESTUDO DE CASO**

APROVADO EM: _____/_____/_____

Orientador: Prof. Me. Clemilton Pereira dos Santos
UEMS

Prof.^a Mnda. Michele Serafim dos Santos
UEMS

Prof.^a Me. Leticia Pereira de Andrade
UEMS

RESUMO

CABRAL, M. E. L. **A ausência da língua latina em livro didático de língua portuguesa: um estudo de caso** f. 51 TCC (Graduação) – Curso de Letras habilitação Português/ Inglês, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade universitária de Jardim, 2013.

Este trabalho traz como tema A presença e a ausência da língua latina em livro didático de língua portuguesa: um estudo de caso. O objetivo geral do estudo é mostrar a origem e a cultura da língua mãe, no caso o Latim, pois segundo Viaro (1999, p. 02), “com o latim aprenderemos a compreender melhor o nosso idioma, que contém mistérios interessantíssimos”. E a opinião dos professores quanto à presença do Latim no livro didático e obtendo suas respostas através de um questionário. Tendo como corpus da pesquisa o capítulo II denominado Variação Linguística da obra *Novas Palavras* (2010). Em relação ao suporte teórico temos como base os autores: Nunes, Bortolanza, Viaro, Lopes, entre outros. Através deste trabalho compreendemos que o Latim ainda está presente na nossa língua apesar de poucos saberem disso ou não darem o devido valor. As análises revelaram também que ocorre a rejeição por dar a língua latina status de língua morta ou fora de uso, o reflexo, ou fruto da retirada do Latim dos currículos escolares, pode ser confirmado na universidade pela ausência de um maior aprofundamento da língua latina.

Palavras-**chave**: 1) Livro didático. 2) língua portuguesa. 3) língua latina.

ABSTRACT

CABRAL , M. E. L. The absence of the Latin language textbook in English : a case study f . 51 TCC (Graduation) - Letter Course qualification Portuguese / English , State University of Mato Grosso do Sul , Unit university Garden , 2013 .

This work has as its theme: The presence and absence of the Latin language textbook in English : a case study . The general objective of the study is to show the origin of the mother tongue and culture , in this case the Latin, because according Viaro (1999 , p . 02) , " with Latin learn to better understand our language , which contains very interesting mysteries ." And the opinion of teachers regarding the presence of the Latin textbook and getting their responses through a questionnaire . Having a corpus of research Chapter II of the work called Linguistic Variation New Words (2010) . Regarding the theoretical support we have based on the authors : Nunes , Bortolanza , Viaro , Lopes , among others . Through this work we understand that Latin is still present in our language although few know it or not give proper value . The analyzes also revealed that rejection occurs by giving Latin language status dead or out of use , the reflection or result of the withdrawal of Latin curricula , can be confirmed by the University absence of a further deepening of the Latin language .

Keywords : 1) textbook . 2) language portuguesa.3) Latin language .

Sumário

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I - LÍNGUA LATINA E AS POLÍTICAS CURRICULARES.....	10
1.0 Acordos Mec/ Usaid e o ensino da língua Latina no Brasil.....	10
1.2 <i>Língua Latina: Um pouco de história</i>	13
1.2.1 Latim Clássico	14
CAPÍTULO II – O LIVRO DIDÁTICO	15
2.0 O Livro didático: um breve histórico, conceitos e funções.....	15
2.1 <i>O livro didático na opinião dos professores</i>	18
CAPÍTULO III – UM ESTUDO DE CASO	19
3.1 O livro em questão: “Língua portuguesa, novas palavras”	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37
ANEXOS	38
Anexo I. : Trechos dos livro didático “Língua portuguesa, novas palavras”	
Anexo II. : Questionário aplicado aos professores de língua portuguesa.....	

INTRODUÇÃO

O aprendizado e a qualidade do ensino da gramática tem sido uma preocupação para os estudiosos, nas salas de aulas o ensino da gramática é muito superficial, simplesmente ensinam as regras e as ditas irregularidades, porém não oportunizam aos alunos reflexões em termo das origens, transformações, influências sociais, culturais sofridas pela língua mãe: o Latim.

O estudo do Latim favorece a compreensão do português, ou seja, para entender a língua portuguesa é necessário voltar às origens. Segundo Viaro (1999, p. 02), “com o latim aprenderemos a compreender melhor o nosso idioma, que contém mistérios interessantíssimos”.

Analisar a gramática de uma língua é descobrir as suas regularidades, a sua significação, as possibilidades de combinação, os fatores de uso, ou seja, sua funcionalidade e construção de sentidos os quais não são aleatórios. No fundo é descobrir causas, possibilidades de aplicação de sua norma e os seus desvios tendo em vista a gama de sentidos almejados por aquele que da gramática faz uso. Só palmilhando este caminho será possível ao aluno falar com propriedade, compreender por que o faz dessa forma e não de outra, entender as irregularidades da escrita e compreendê-las em profundidade.

Temos por objetivo averiguar a opinião dos professores em relação ao livro didático, a sua importância e características e posteriormente desenvolver a análise do mesmo destacando os pontos que o indicaram como sendo um bom livro didático pelos professores entrevistados.

Objetivo deste trabalho é a análise quanto à presença do latim no livro didático e de como os professores trabalham a origem da língua portuguesa com seus alunos e de como o livro se utiliza da língua latina para explicar aspectos da língua portuguesa.

O suporte teórico para o desenvolvimento do presente estudo encontrar-se fundamentado nos seguintes autores: Nunes, Bortolanza, Viaro, Meillet, Lopes, Lajolo entre outros. E as entrevistas realizadas com os professores proporcionam compreender melhor a visão que se tem sobre o livro didático, que auxiliarão na

análise do livro didático da língua portuguesa, do ensino médio Língua Portuguesa: “*Novas palavras*”, dos autores Amaral, Ferreira, Leite e Antônio (2010).

O trabalho encontra-se estruturado em três capítulos. Sendo o primeiro capítulo dedicado descrever os conceitos sobre: acordos MEC/USAID e o ensino da língua latina no Brasil, língua latina: um pouco de história e latim clássico. No segundo capítulo é destinado a expor assunto como: o livro didático: um breve histórico, conceitos e funções e o livro didático na opinião dos professores. O último capítulo é reservado à análise do *corpus* escolhido, seguido de nossas considerações finais e referências.

CAPÍTULO I

1.0 ACORDOS MEC/USAID E O ENSINO DA LÍNGUA LATINA NO BRASIL

Em 23 de junho de 1965, o governo brasileiro, época da ditadura militar, oficializou um acordo com os Estados Unidos, os chamados acordos MEC USAID.

De acordo com NUNES (2011, p. 237), mediante este ato o Brasil seria obrigado a adotar moldes educacionais sugeridos pela agência americana de desenvolvimento, a qual estando inserida no período tecnicista de trabalho direciona o ensino à profissionalização a partir da sétima série. O acordo retirou das grades curriculares do ensino básico disciplinas de Filosofia, Artes, Educação Política, Latim, reduzindo também a carga horária de outras mais, a exemplo da disciplina de História. Frente a este episódio percebemos que o grande objetivo da introdução de um órgão regulador dos currículos nas escolas brasileiras visava suprimir a oportunidade de o aluno brasileiro ter condições de pensar, adquirir bases teóricas sólidas para fins de assumir posições mais críticas, tendo apenas que reproduzir o necessário para o sistema.

Atualmente, após cinco décadas de ausência nos bancos escolares da educação básica, ressurgem debates em torno da importância do estudo do latim para a formação dos professores. Existem aqueles que defendem a necessidade e a relevância do estudo e entendimento dessa língua enquanto aspecto fundamental para acesso à cultura, aos costumes, à sociedade latina, berço das línguas e cultura da civilização ocidental. Segundo BORTOLANZA, não foi à língua latina que morreu, e sim a diacronia do português.

Estudos sincrônicos são, sem dúvidas, de fundamental importância, mas não podem vir sistematicamente desconhecendo que a língua como fenômeno social, é histórica, tem história e só se entende a fundo como pertencente a um momento de sua longa história. (Bortolanza, 2000, p. 01).

Muitas vezes a dificuldade em ensinar a Língua Portuguesa está na falta de conhecimento de sua raiz, de sua origem. Ainda embasada em Bortolanza, p.01. “Se o professor de Língua Portuguesa conhecesse a diacronia da língua teria muito

mais facilidade em explicar aos alunos a raiz de muitas palavras que tem como origem o latim, assim como o feminino de cavalo, égua-QUE-.”

Para Viaro, (1999, pg. 03), aprender ou não o latim não é a questão. “Ele já convive conosco, pois é a alma de nossa língua”. Viaro (1999) ainda afirma que não só do latim fez-se a nossa língua, mas de “algum conhecimento do grego assim como do tupi”. Há palavras que tem relação direta com o Latim, outras precisamos conhecer mais a fundo para reconhecer a relação. Segundo Viaro (1999), quando dizemos que o álcool é um líquido volátil, estamos querendo dizer que ele pode voar. Volátil – voar- volare (Latim).

Por outro lado, outros a veem como algo do passado, que deva ser pensado como parte da história. Não percebem a utilidade e presença efetiva do seu uso no dia-a-dia moderno. Para VIARO (1999) isso ocorre devido o imediatismo, que vê com descaso a língua que é à base da Língua Portuguesa.

Só mesmo o imediatismo, tão frequente na visão de mundo brasileira pode explicar que o ensino do latim continue visto como desnecessário para o ensino do português, tão ausente e distante parece estar das necessidades mais prementes da Sociedade. (VIARO; 1999, p.10).

Muitos acham que o latim é uma língua morta, não tem importância a ponto de fazer parte de grades curriculares. O latim está presente nos meios acadêmicos, religiosos além de serem encontradas, em textos, diversas expressões em latim. “De língua morta o latim não tem nada”, afirma Viaro (1999).

Vejam, por exemplo, as expressões que são usadas em Direito. Quem nunca ouviu falar de habeas corpus? dealibi? Dedata venia? O latim não está de forma alguma morto, curriculum vitae; pós-graduação lato sensu; fecundação in vitro, entre outras (VIARO, 1999, p.03).

A todo o momento, estamos nos deparando com alguma palavra vinda do latim. Com o latim, vemos que as irregularidades e as temíveis exceções das gramáticas não são nem irregulares, tão pouco exceções. Tudo passa a ter uma lógica mais clara e previsível.

Numerosas são os sinais confirmadores da nossa proposição, entre eles, o mais eloquente é o conjunto das línguas românticas, o mais

atuante e vivo legado de Roma à nossa civilização. Elas conservam vestígios indelévels de sua filiação no nosso vocabulário, na morfologia, sintaxe, etc.(SANTOS, 2008, p.01).

Discordâncias a parte, diante de toda uma justificativa da necessidade de retomarmos nos currículos escolares os estudos filológicos frente à urgência de formarmos professores instrumentalizados com condições de oferecer aos seus alunos boas reflexões em torno dos mais diversos níveis gramaticais tanto tempo se passou sem os estudos diacrônicos que os ditos manuais de ensino de Língua Portuguesa, ou seja, livros didáticos, na sua maioria, mencionam timidamente a importância dos conhecimentos históricos, sejam eles externos ou internos da nossa língua.

Percebe-se que aos poucos o Latim vai desaparecendo dos livros didáticos e professores de língua portuguesa, muito jovens, acabam por titubear diante da origem de algumas palavras, ou seja, porque se diz natação e não natação, já que vem do verbo nadar em razão do radical latino *Nat*, de *natare*. Viaro, (1999), cita vários exemplos de palavras que tem radical em latim e que fazem parte do nosso dia a dia e nem ao menos nos damos conta da importância de provocar os alunos para reflexões em torno da origem da língua mãe.

Se a língua é um sistema construído “histórica e socialmente pelo homem”, então é através dos estudos das origens e da cultura que podemos nos considerar falante de uma língua.

Um reflexo desse desconhecimento da língua latina provoca o superficial estudo das origens externas e dos fatores internos da Língua Portuguesa, ocasionando muitas vezes o descaso em estudá-la tendo em vista a ausência de sua funcionalidade e sentidos.

Um reflexo dessa desvalorização se evidencia na conversa estabelecida com uma professora de Língua Portuguesa do Ensino Médio de uma escola pública que ao ser questionada sobre a importância da língua latina se espantou e disse: “como posso ensinar latim se os alunos nem mesmo conseguem aprender o português”

Se os radicais latinos permanecem vivo no nosso léxico, é obvio que o professor de português precisa ter noção do latim para melhorar o desempenho na Língua Portuguesa.

... Pois bem, porque há tanta dificuldade em ensinar a língua portuguesa, ou seja, em fazer com que os alunos aprendam com mais facilidade a língua materna. Para Napoleão Mendes, se quisermos entender melhor as regras e as estruturas da língua portuguesa é necessário estudar latim. “o português e o latim devem voar juntos” (Almeida, 1994, p. 11).

Se a Língua Portuguesa nasceu do latim, não há como aprender suas regras sem conhecer sua história.

1.2 Língua Latina: um pouco de história

O Latim foi, por muito tempo, a língua oficial e a maior representação do poderio do império Romano.

Segundo Martins ([S. d, p. 1]):

Durante seis a oito séculos de império romano, do século III a.C ao século II d.C., ou até mesmo ao século V d.C., a língua Latina conservou uma aparente fixidez, mas não correspondida à sua situação lingüística real. Era visível uma radical transformação na estrutura interna da língua, tal mudança vinha da evolução do latim. Com a ruína do império Romano e de sua civilização o resultado dessa mudança se manifestou rapidamente.

Na fase das origens, o latim era arcaico, uma língua de camponeses, soldados, sapateiros, os quais, conforme Bassetto (2001) se acotovelavam nas ruas e praças dos bairros romanos. Se formos estabelecer um paralelo entre o latim dito *usuallis*, vulgar com a Língua Portuguesa atual, diríamos que o latim vulgar se assemelhava bastante com o nosso português coloquial o qual é falado pela massa popular.

O latim vulgar era a língua falada pelas classes menos favorecidas, pessoas analfabetas ou semi analfabetas do Império Romano. Por ser uma linguagem simples e mais expressiva e de melhor entendimento era também mais permeável aos estrangeiros passando assim a transformações ao longo dos séculos. Pode - se

dizer que o latim vulgar é uma linguagem popular criada por uma população desprovida dos conhecimentos escolares e literários criando assim suas próprias variações linguísticas adquiridas através do conhecimento de mundo de cada sujeito (BASSETTO, 2001, p. 110).

O exército Romano era composto por soldados vindo dos mais variados lugares da província, homens da plebe os quais faziam uso da variante vulgar do latim. “No exército também era praticada uma variante do latim vulgar o *sermo militares*, o qual mantinha um contato direto com os povos conquistados, sendo assim, um forte fator de latinização”. (MURIEL, 2007)

Se o latim vulgar era a variante das classes menos favorecidas e os soldados eram homens da plebe se explica o uso dessa variante pelos mesmos.

1.2.1 Latim Clássico

Outra modalidade do latim que se desenvolve principalmente nos meios políticos, entre autoridades, nas repartições públicas vem a ser o chamado latim clássico. Segundo Viaro (1999, p. 3):

Latim clássico compreende o período de I a.C a 16 d. C é a norma literária, língua coloquial das classes cultas, que sobreviveu e que sobrevive até hoje no Vaticano e nas documentações da igreja católica além de ser também usada na botânica e no Direito.

Esta variante da língua latina o Latim Culto falado (*Sermo Urbanus*) era a língua “corretamente falada do ponto de vista gramatical”. Não apresentava os erros do latim vulgar nem os refinamentos estilísticos da norma literária. Era falada pelas pessoas das classes altas de Roma. Extinguiu-se como língua falada com a ruína da classe social a qual a sustentava, entre os séculos V e VI.

A título de conhecimento, convém ressaltarmos que o latim clássico faz-se presente até os dias de hoje por intermédio do eruditismo, principalmente no que se refere às novas denominações surgidas em virtude do avanço tecnológico, cujos nomes bebem na fonte latina clássica.

CAPÍTULO II – O LIVRO DIDÁTICO

2.0 O LIVRO DIDÁTICO: UM BREVE HISTÓRICO, CONCEITOS E FUNÇÕES

Segundo Freitag *et al.*, (1989) desde 1929 com a criação de um órgão específico para legislar sobre as políticas do livro didático, o Instituto Nacional do Livro (INL) deu-se início à trajetória para que o livro didático chegasse às escolas brasileiras. Em 1934, no governo de Getúlio Vargas, o INL recebeu suas primeiras atribuições. Assim, em 1938 o livro didático entrou na pauta do governo instituído por meio do decreto-lei nº 1.006 de 30/12/38 a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD) que estabelecia a primeira política de legislação para tratar da produção, do controle e da circulação dessas obras. Esta comissão possuía mais a função de controle político-ideológico do que propriamente uma função didática.

Conforme Freitas e Rodrigues ([S. d], p. 3) menciona que na segunda metade da década de 60, o livro didático passou a ser utilizado com mais frequência no Brasil com a assinatura do acordo MEC-USAID em 1966, época em que são editados em grande quantidade para atender a demanda de um novo contexto escolar em surgimento.

Por volta de 1975 criou-se o PNLD (Plano nacional do livro didático) o qual tinha como objetivo central um ensino de qualidade, porém não havia uma preocupação direta com a qualidade do livro didático o que levou o MEC, a partir de 1993, a criar uma comissão de especialistas encarregada de avaliar a qualidade dos livros mais solicitados ao Ministério, estendendo, posteriormente a oferta desse material didático aos professores e alunos também do Ensino. (Disponível em, <http://biosferams.org/2011/10/livro-didatico>. Acesso em 02 de novembro de 2013).

A partir da citação acima podemos verificar a importância atribuída ao livro didático por parte do ministério da educação, com intuito de proporcionar um ensino de qualidade, mesmo sabendo que com o acordo instituído entre o governo dos Estados Unidos da América e o Ministério da Educação – acordo MEC/USAID certas ações, a exemplo da retirada de algumas disciplinas, Filosofia, Sociologia e da

redução de carga horária da disciplina de História e da Língua latina desfalcavam as bases teóricas tão necessárias a um aprendizado profícuo.

Em 2004 teve início a avaliação dos livros didáticos através do programa nacional do livro didático para o ensino médio (PNLEM). O MEC envia o guia do Livro Didático com resenhas das coleções consideradas aprovadas para a escola onde os professores avaliam os materiais que melhor atendem ao Projeto Político Pedagógico da escola.

A partir das OCEMs, podemos verificar que o livro didático é um instrumento criado para direcionar o professor, é um mediador, um recurso a mais disponível para os professores executarem seus trabalhos em sala de aula com perguntas e respostas, porém não impossibilita que o professor busque recursos em outras fontes para complementar suas aulas. Neste pensamento as OCEMS propõem a valorização das diversidades de ideias como, culturas e formas de expressão, podendo incluir aí o conhecimento histórico de um povo.

Considerações estas, também recorrentes na fala de alguns professores de língua portuguesa que atuam em diversas escolas brasileiras de ensino fundamental e médio.

Segundo Bueno (2011, p. 9), o livro didático é um dos objetos de maior penetração em todas as camadas da sociedade brasileira. Sendo que seu uso já fora ridicularizado pela mídia e até mesmo pelos acadêmicos. Porém hoje, devido melhor adequação e qualidade é considerado indispensável para a formação dos alunos brasileiros. Esse melhoramento na qualidade ocorreu com a participação da academia e dos professores de português na seleção do livro didático.

A partir das palavras de Bueno percebe-se que o livro didático faz-se presente em um número maior de usuários. Outra questão que se faz necessário ressaltar está no fato de que os professores regentes têm sido consultados cada vez mais sobre a escolha do livro didático que utilizarão para o trabalho em sala de aula.

De acordo com as OCEMs, o livro didático assume a função de um guia para o professor trabalhar em sala de aula os conteúdos indicados no Referencial Curricular, e além de apresentar os conteúdos de forma organizada sugere novas leituras para complementar o que está sendo estudado e assim possibilitando a ampliação do conhecimento do aluno.

Segundo Lajolo (1996), *apud* Bueno, (2011, p. 4), o livro didático assume certa importância dentro da prática do ensino brasileiro destes últimos anos “a precaríssima situação educacional faz com que ele acabe determinando conteúdos e condicionando estratégias de ensino, pois, de forma decisiva, o que se ensina e como se ensina o que se ensina”. Porém, não deve ser visto pelo professor como única fonte, mas sim como um condutor, exceto em alguns lugares onde o livro didático ainda seja o único recurso para o professor.

Para Lopes (2007) mesmo reconhecendo a dependência do professor em relação ao livro didático, acredita que os bons livros didáticos são parte fundamental da qualidade da educação.

Apesar de a internet ser um instrumento muito utilizado para pesquisa tanto pelos professores como pelos alunos os professores ainda acreditam que ela é só mais um recurso a ser usado paralelamente com o livro didático.

Hoje a internet exerce o mesmo fascínio que o livro didático exercia há alguns anos atrás. Um reflexo disso está no fato de que alguns professores executam uma função control c, control v atrás de planos de aula já existentes postados na rede mundial de computadores, o que nos faz verificar um processo muito semelhante à importância e função desse instrumento em relação ao livro didático.

2.1 O livro didático na opinião dos professores.

Nesta etapa do trabalho temos por objetivo averiguar a opinião dos professores em relação ao livro didático, a sua importância e características e posteriormente desenvolver a análise do mesmo destacando os pontos que o indicaram como sendo um bom livro didático pelos professores entrevistados.

A fim de desenvolver o levantamento acerca da avaliação realizada pelos professores em relação ao livro didático, foram elaborados 04 (quatro) questões as quais foram aplicadas a 04 professores que prontamente atenderam ao convite de contribuir para a elaboração desta pesquisa.

As questões apresentadas aos professores foram:

1ª Qual sua concepção sobre a importância do livro didático como instrumento de ensino/aprendizagem?

2ª Quais as características de um bom livro didático?

3ª No seu ponto de vista quais dificuldades encontradas para o trabalho com o livro didático?

4ª Em relação à variação linguística presente nos livros didáticos e nas formas de utilização da língua pelo aluno falante, qual a metodologia utilizada, recursos didáticos e uso da língua no processo de aprendizagem.

Quanto à primeira questão, verifica-se que na visão dos professores entrevistados o livro didático vem a ser um recurso de apoio de grande valia, porém na maioria das vezes “não contempla o Referencial Curricular”.

A resposta relacionada à segunda pergunta coloca que os professores consideram um bom livro didático àquele que além de uma boa bibliografia acompanhe as exigências do Referencial Curricular sendo condizente com a realidade, habilidade e sub-habilidade dos alunos.

Para a terceira pergunta todos os professores entrevistados concordam que os livros didáticos não atendem as necessidades do professor, não condiz com o assunto abordado em sala de aula além de trazerem textos muito longos, repetitivos e poucos exercícios gramaticais.

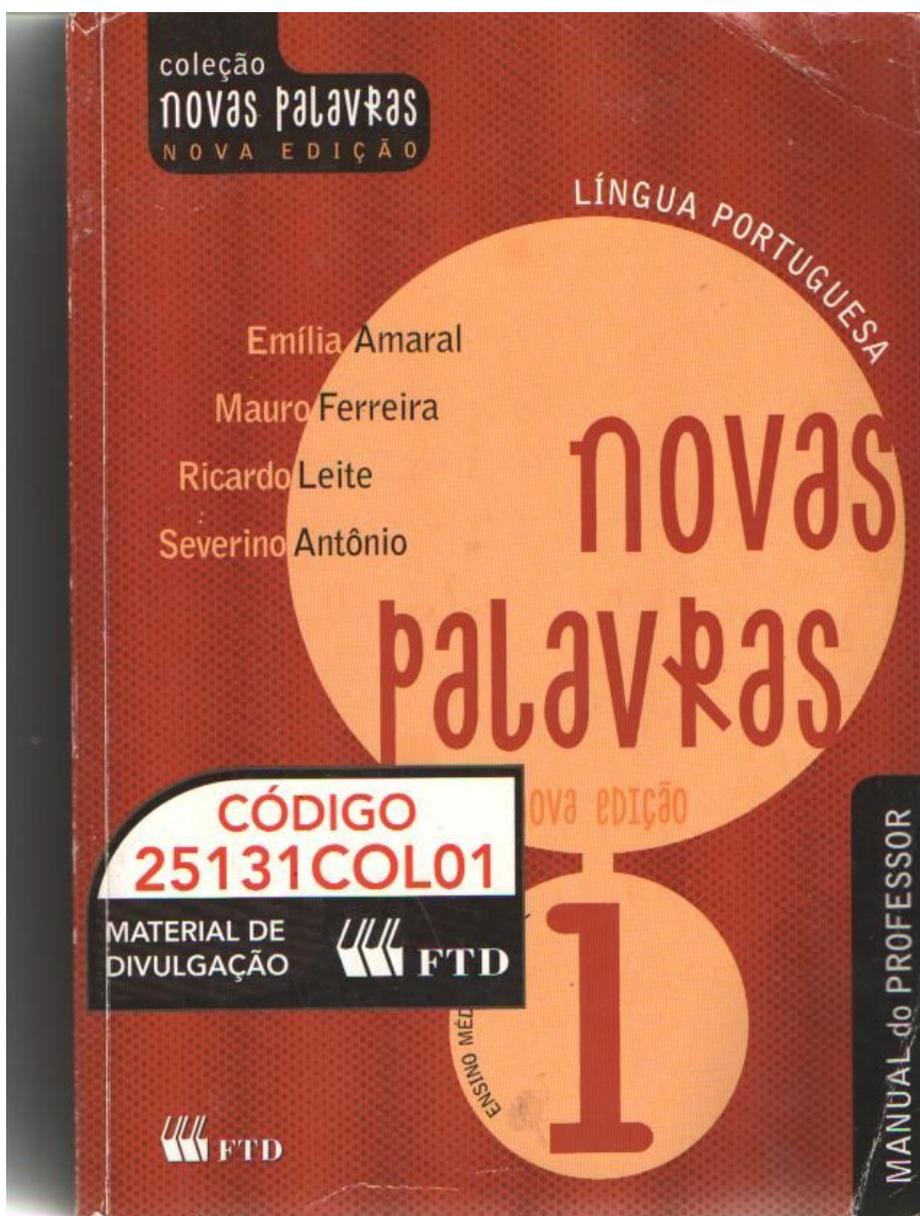
E por fim a quarta pergunta percebe-se que os professores concordam que trabalham de forma simultânea a linguagem por meio de comparação e produção de textos e conhecimento de mundo do aluno, fazendo correções já que “é a forma culta que é cobrada nas provas de concursos, vestibulares e entrevistas de emprego” diz o professor. Ainda sobre a quarta pergunta, quanto o uso da língua latina, apenas dois professores afirmam fazer uso somente quando o assunto é a transformação da língua e o processo de formação de palavras.

O Referencial Curricular é um documento produzido através de técnicos, professores, coordenadores e colaboradores embasados nas novas propostas curriculares e diretrizes apresentadas pelas instâncias oficiais do país baseada na necessidade da SED em propor um currículo que atenda as necessidades do aluno.

CAPÍTULO III – UM ESTUDO DE CASO

3.0 O livro didático em questão: Língua Portuguesa: Novas Palavras

O livro objeto de nossa análise se intitula “Novas palavras, nova edição, Língua Portuguesa, Ensino Médio volume I e tem como autores Emília Amaral; Mauro Ferreira do Patrocínio; Ricardo Silva Leite; Severino Antonio Moreira Barbosa”.



É composto por 493 páginas divididas em três partes (Literatura, Gramática e Redação). Cada uma destas partes está dividida em capítulos que vão do nº 1(um) ao nº10 (dez) somando trinta capítulos. Inicia-se a obra com Literatura sendo dez (10) capítulos que vão desde A arte da palavra, capítulo 1, Cap. 2- O texto Literário até cap. 10 onde os autores tratam de O Neoclassicismo brasileiro.

A Segunda parte, gramática: desenvolve seu conteúdo iniciando-se pelas noções de variação linguística, no capítulo 1, Figuras de linguagem, capítulo 2 conteúdo até as últimas classes de palavras a exemplo do cap. 10 (dez) que trata dos Artigos e numerais.

A Terceira parte do livro trata de redação e leitura: começa o cap. 1 (um) abordando liberação da linguagem e do pensamento; passa pelo cap. 2 (dois) linguagens: entre textos, entre linhas; até o cap. 10 (dez) onde aborda a dissertação com o título: o que é dissertar?

A obra traz também incluso o quadro geral das literaturas portuguesas e Brasileiras, Bibliografia geral, para aprender mais, conversa com o professor. Com objetivo de descrever a utilização da língua latina no desenvolvimento dos estudos acerca da língua portuguesa, passamos por um processo de seleção do conteúdo a ser analisado. Assim, optamos por trabalhar o capítulo II do presente livro, onde a partir da página 223, da obra “Novas Palavras” 1ª edição São Paulo 2010, os autores tratam de Variação Lingüística. Apresenta-se a fala de diferentes indivíduos em situações diversas de comunicação e pede para que o aluno identifique uma característica do falante como: faixa etária, nível de escolaridade e em que época viveu.

No primeiro texto presente na página é de um indivíduo do gênero feminino, que está na fase adulta, jovem.

O segundo texto o autor apresenta um fragmento da Carta de Caminha enviada ao rei de Portugal.

“Snôr,

Posto que o capitam Moor desta vossa frota e asy os outros capitães screpuam a vossa alteza a nota do acha mento desta vossa terra noua que se ora

neesta naue gaçom achou, nom leixarei também de dar disso minha conta a vossa alteza[...]" (Extraído do site: <http://pt.wikisource.org>)

Com este texto o autor sugere que o professor pergunte aos alunos qual a linguagem que Caminha empregou e qual o grau de formalidade entre os interlocutores.

No terceiro texto com um trecho da musica "Pé cascudo", o autor chama a atenção à variante de uma pessoa "caipira" e de pouca escolaridade.

[...]

Quando eu entro no salão

Com a minha viola afinada

Eu canto uma moda arta

E muito bem expricada

Dizendo que eu não insurto

Mas topo qualquer parada.

[...] (Oscar Martins e Rubens Vieira Marques. In: Son da Terra – Vieira e Vieira. Werner Music Brasil, 1994.)

No texto citado acima o autor atenta para a variação linguística de uma pessoa simples de pouca escolaridade e que provavelmente reside no sertão. As expressões presentes na fala da pessoa citada no texto revela a pouca instrução e classe social de pouco poder aquisitivo, mostrando assim que a nossa língua tem suas variações linguísticas adequadas de acordo com a classe social, a situação de comunicação.

Ainda nesta página o autor atenta para um quadro onde explica que nossa língua tem suas variações, ajuda você se comunicar em diferentes situações de interlocução oral e escrita ajudando também a deixar de lado o preconceito e ensinando a respeitar a variação linguística de cada falante.

Temos também, no quarto texto na pag. 224, citado na obra a fala dos jovens urbanos, do gênero masculino:

"Você é baiano se achar compreensível este diálogo, numa esquina do Curuzu". (*Curuzu – bairro de Salvador /BA*)

-colé de mermo, broder?

-É niuma!!!

-Vô pro reggae, ta ligado?...Vô cume agua com os cara!!

-Vá nessa véi!

-Falô maluco.”

Sugerindo que o professor apresente aos alunos as diversas formas de compreender a variedade de linguagem entre os grupos sociais dos falantes. E por fim um poema no quinto texto extraído do site <www.jornaldepoesia.jor.br>, no qual indica a fala de uma pessoa adulta com alto grau de escolaridade.

[...] [“O poema ‘Lisboa: aventura’] eu o escrevi por ocasião de minha primeira viagem a Portugal, quando me diverti com as discrepâncias vocabulares entre o falar brasileiro e o lusitano. Explorei caricaturalmente essas discrepâncias sob a égide alusiva da “canção do exílio”, de Gonçalves Dias [...].

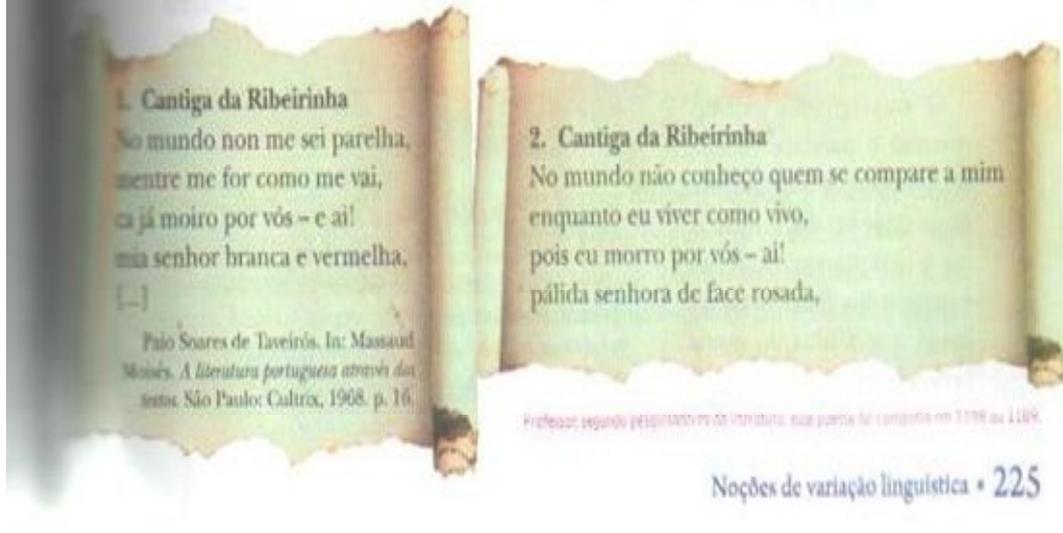
Na primeira e segunda página, os autores afirmam através dos textos que apesar das variações linguísticas, todas as pessoas citadas se expressaram em português, porém não da mesma forma, mostrando que a língua tem suas variações sociocultural, histórica, geográfica e situacional.

Os autores apresentam na “Variação Sociocultural” (p. 225), duas frases “Eles não tinha mais grana pra bancá as prestação” e “Eles não tinham mais dinheiro para pagar as prestações”. Explicando que a primeira frase pertence a grupos sociais de pouco poder aquisitivo, enquanto a segunda frase pode se observar que os grupos possuem melhores condições sociais e situação econômica mais favorável.

Temos presente na obra citada acima a questão da “Variação Histórica” (p. 225 - 226), onde os autores apresentam dois quadros com fragmentos de um poema, quadro I em sua redação original escrita por volta 1200 e quadro II na versão atualizada do mesmo verso “Cantiga da Ribeirinha”, segundo pesquisadores esse poema foi composto em 1198 ou 1189.

Variação histórica

O quadro 1, abaixo, apresenta os versos iniciais de um poema, em sua redação original; o quadro 2 mostra uma versão atualizada desses mesmos versos. Leia-os e compare:



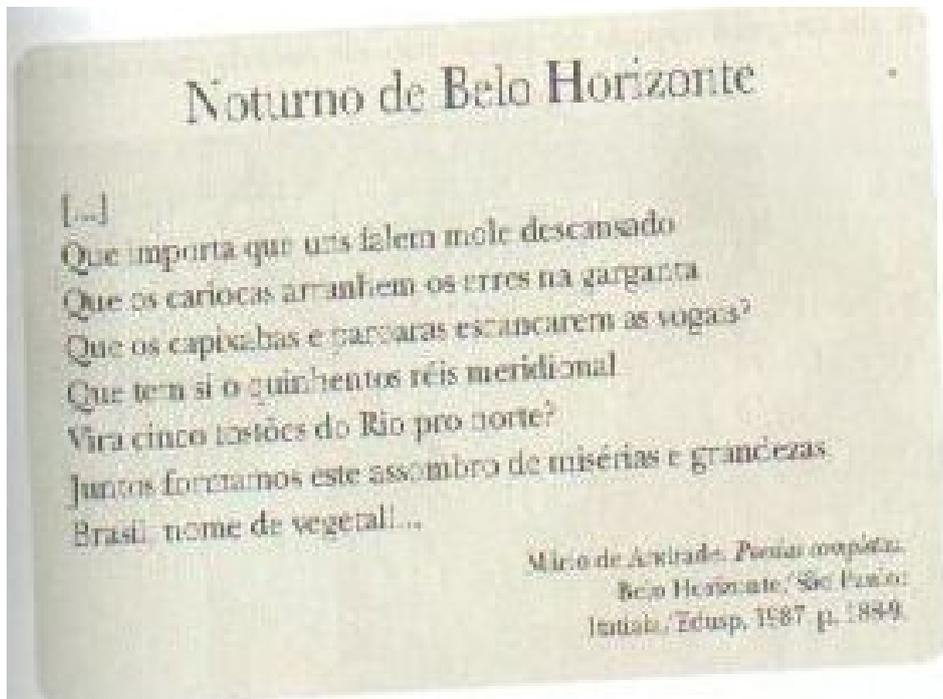
De acordo com Junior Luiz (2006; p. 2), “As palavras ganharam muitos sentidos e formas até chegar a nós, e as usamos com tanta familiaridade que nem prestamos muita atenção a elas”.

Nosso idioma tem mudado ao longo dos anos, mas isso não nos impede de retornar às suas origens para melhor compreendê-lo. Na obra é possível visualizar na página 226, a imagem da capa de uma revista onde aparece a palavra “jogging” a qual os autores afirmam ser tomada emprestada da língua inglesa e que já faz parte do vocabulário oficial de nosso idioma. Assim como “deletar” que significa em português apagar. Segundo Viaro (1999, p.3), “mesmo muitas palavras importadas do inglês remontam ao latim”, como por exemplo, deletar; delete vem do verbo deleo em latim que significa destruir.

Por que fica tão difícil lembrar que o latim faz parte da história da Língua Portuguesa nos livros didáticos? Seria tão mais fácil compreender a Variação Histórica.

Os autores utilizaram charges com textos para comentar sobre Variação Geográfica (p. 227) que expressavam cumprimentos informais e amigáveis e segundo os autores embora equivalentes são usados em lugares distintos do país. Faz uso também de um trecho do texto de Mário de Andrade “Noturno Belo

Horizonte”, para dizer que em cada região do país observam-se formas distintas de falar. E que a esses tipos diferentes de falar dá-se o nome de Variações Geográficas.



Para apresentar o assunto sobre Variação Situacional (p. 228) os autores utilizaram a figura de um advogado em um tribunal do júri dirigindo a palavra a uma testemunha, logo abaixo a mesma figura já em um ambiente informal dialogando com amigos. O que comprova que um mesmo falante exerce várias formas de linguagem em diferentes situações, isto é denominado Variação Linguística.

No capítulo analisado da obra “Novas Palavras” (p. 229), possui um breve resumo sobre a origem da Língua Portuguesa, a razão da denominação língua neolatina e em quantos países a Língua Portuguesa é idioma oficial e onde estão localizados esses países.

Origens e geografia da língua portuguesa

O português teve origem no latim, por isso é chamado de língua **neolatina**. Na Roma antiga, sede do poderoso império romano, eram faladas duas variedades de latim: o *latim vulgar* (língua falada espontaneamente pelo povo) e o *latim literário* (usada pelos escritores, legisladores e demais pessoas cultas da época).

O império romano, durante séculos, pôs em prática uma política de expansão territorial. Quando dominavam um povo, os romanos levavam para a nova região conquistada seus costumes, suas leis e também sua língua. Como a língua falada no cotidiano era o latim vulgar, essa variedade, com o passar do tempo, misturava-se à língua local, dando origem a uma língua um pouco diferente, que já não era mais o latim.

Foi isso que aconteceu na Península Ibérica (onde hoje ficam Portugal e parte da Espanha) entre o século II a.C. e o século V d.C., período durante o qual os romanos ocuparam a região e dominaram os celtiberos e alguns outros povos que lá viviam. A língua resultante da fusão do latim vulgar com o idioma dos celtiberos foi se modificando e, mais tarde, recebeu influências de idiomas de povos bárbaros e árabes que, depois dos romanos, também dominaram a Península. Aos poucos, essa língua foi se transformando na língua portuguesa.

Muitos séculos depois, quando Portugal se tornou um império marítimo, a língua portuguesa espalhou-se pelo mundo. Atualmente, o português é o idioma oficial de oito países: Portugal, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Brasil, São Tomé e Príncipe, Angola, Moçambique e Timor Leste.



Regina Vasconcelos e Alton P. Alves Filho. *Atlas geográfico ilustrado e comentado*. São Paulo: FTD, 1999.

Noções de variação linguística - 229

Foi inserido na obra comentada o assunto sobre “O Português de Portugal e o Português Brasileiro” (p. 230), os autores fizeram uso de um texto com o português de Portugal comparando com o português do Brasil, afirmando que os dois países têm o mesmo idioma, porém com muitas diferenças em todos os aspectos como, por exemplo: pronúncia, vocabulário, significados entre palavras e expressões.

O português de Portugal e o português brasileiro

Suponha que você esteja a passeio em Portugal, hospedado na casa de uma família portuguesa. Certa manhã, a dona da casa, antes de sair para um compromisso, diz a você:

–A Ritinha ainda está a dormir. Quando ela acordar, faz-me um favor: pega-a na cama, põe-lhe uma camisola, dá-lhe um copo de leite e lê para ela uma banda desenhada. Se quiseres falar-me, use o telemóvel.

O que dizem os linguistas

Do ponto de vista linguístico [...] a língua falada no Brasil já tem uma gramática – isto é, tem regras de funcionamento – que cada vez mais se diferencia da gramática da língua falada em Portugal. Por isso os linguistas [...] preferem usar o termo **português brasileiro**, por ser mais claro e marcar bem essa diferença.

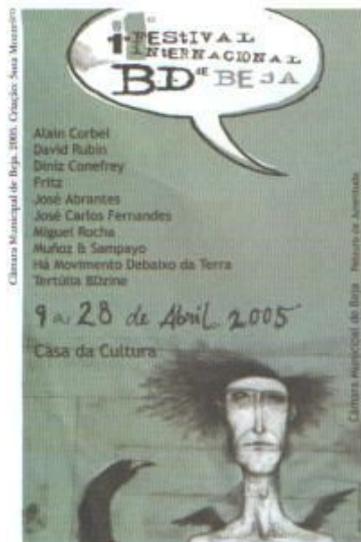
Marcos Bagno. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2001. p. 24.

E então? O que você faria quando a Ritinha acordasse?

Brasil e Portugal têm, oficialmente, o mesmo idioma. No entanto, muitas vezes, não é fácil entender o que os portugueses falam. As diferenças são nítidas em todos os aspectos: na pronúncia, no vocabulário, no significado de determinadas palavras e expressões e, em parte, na estruturação sintática (organização das frases).

No texto acima, por exemplo, podemos identificar as seguintes diferenças:

Em Portugal	No Brasil
está a dormir	está dormindo
faz-me	me faz ou me faça
pega-a	pega-a ou pega ela
põe-lhe	põe/ponha nela
camisola	blusa
dá-lhe	dê/dá para ela
banda desenhada	história em quadrinhos
se quiseres falar-me	se quiser falar comigo
telemóvel	celular



Cartaz do 1º Festival Internacional BD de Beja, promovido pela Câmara Municipal de Beja, Portugal, 2005.

É possível encontrar nesta obra uma “Síntese dos Conteúdos Estudados” (p. 231), cujos autores retomam os conteúdos reforçando as explicações e os exemplos, e sugerem atividades aos alunos com questões referentes aos conteúdos

estudados que podem ser encontrados nas páginas 231 a 237, com textos e questões referentes a Variações Linguística, e já na página 237, um quadro explicando sobre o que é léxico e vocabulário.

A partir das leituras realizadas utilizando o conteúdo do Capítulo II, foi idealizado um questionário destinado a profissionais da Educação atuando em sala de aula, sobre a importância do livro didático como ferramenta de trabalho, discutindo a qualidade dos conteúdos que ali estão inseridos, as dificuldades de sua utilização e sobre a Variação Linguística presente nos livros didáticos e no aluno e nas formas de utilização da língua pelo aluno falante, qual a metodologia utilizada, recursos didáticos e uso da língua latina no processo de ensino/aprendizagem.

Autores fizeram uso de um texto com o português de Portugal comparando com o português do Brasil, afirmando que os dois países têm o mesmo idioma, porém com muitas diferenças em todos os aspectos como, por exemplo: pronúncia, vocabulário, significados entre palavras e expressões.

É pertinente aqui desenvolver algumas reflexões sobre o conteúdo apresentado nesta parte do livro. Embora os autores reservem um espaço para discorrer acerca da história da língua portuguesa, o fazem de forma bem superficial, pois poderiam aproveitar o espaço para conduzir discussões em torno da origem da língua portuguesa e de outras línguas chamadas neolatinas, a exemplo do francês, italiano, espanhol e o próprio português.

Nessa linha de discussões, seria interessante também apresentar um paralelo entre a língua latina e o português, seja ele, variante brasileira ou portuguesa a fim de que os alunos possam ter uma noção, no aspecto lexical, fonológico, morfosintático e semântico das duas línguas. Isso poderia ser feito mediante inserção de um texto (oração, fábula, mito) ou algumas palavras isoladas.

Latim	Português	Espanhol	Italiano	Francês
VITAM	Vida	Vida	Vita	Vie
AMICUM	Amigo	Amigo	Amico	Ami
VIDERE	Ver	Ver	Vedere	Voir

Fonte: Gramática comparativa Houaiss quatro línguas românicas, (2010, p. 64)

Mediante o quadro apresentado acima seria interessante discorrer sobre as semelhanças e as diferenças entre as línguas principalmente no que se refere às modificações consonantais (d/t – vida/vita; g/k: amigo/amico). Também é possível aludir à proximidade existente entre o latim e o italiano e a característica do latim de ser mais analítico enquanto o francês é mais sintético (reduzido).

Outro comentário seria plausível se tivéssemos nesta unidade uma referência aos mitos fortemente utilizados pelos povos gregos e latinos com intuito de explicar alguns fenômenos do seu tempo. A exemplo do texto abaixo, Ursa, publicado no material da Profª Ziandra Oliveira, o qual conta a história do surgimento das estrelas Ursa maior e Ursa menor até hoje conhecidas.

Ursa

Juno est pulchra; in caelo habitat, sed saepe in terra ambulat. Juno est dea invidiosa et feminas pulchras non amat.

Callisto, femina pulchra, in terra amoena Arcadia habitat. Interdum in silvis Arcadiae ambulat.

Hodie Callisto in silvis ambulat et dicit: "Incolae Arcadiae me laudabunt quod pulchra sum. Juno quoque est pulchra, sed incolae deam non laudabunt, quod Juno invidiosa est."

Juno ex caelo feminam spectat et dicit: "Nunc es pulchra, sed non semper eris pulchra. Mox eris ursa. Interdiu et noctu in silvis habitabis. Vita tua erit periculosa, quod agricolae te necare temptabunt."

Nunc Callisto est ursa; nunc in silvis ambulat. Saepe agricolae ursam vident et interdum ursam necare temptant.

Juppiter deam invidiosam non laudat. Juppiter dicit: "Feminam pulchram servabo. Callisto in caelo habitabit."

Nunc incolae terrae stellas claras in caelo vident. Ursam in stellis vident. Ursa est Callisto.

Vocabulário

agricola, ae = agricultor

amat = ama

ambulat = anda, caminha,
passeia

amoena, ae = agradável, amena,
suave

Arcadia = Arcádia

caelo = céu

Callisto = Calisto

clara, ae = clara / célebre, ilustre

dea, ae = deusa

dicit = diz

eris = serás

es = és

est = é, está (verbo de ligação)

et = e

ex = de, de dentro de

femina, ae = mulher

habitabis = habitarás

habitabit = habitará

habitat = habita

hodie = hoje (adv.)

in = em (prep.: rege ablativo)

incola, ae = habitante, morador

interdiu = durante o dia

Interdum = de vez em quando,
durante esse tempo

invidiosa, ae = invejosa

Juno = Juno

Juppiter = Júpiter

laudabunt = louvarão

laudat = louva

me = me

mox = logo

necare = matar

noctu = de noite

non = não

nunc = agora

periculosa, ae =
perigosa

pulchra, ae = bonita

quod = porque

quoque = também

saepe = muitas vezes

sed = mas

semper = sempre

servabo = salvarei

silva, ae = selva,
floresta

spectat = olha

stella, ae = estrela

sum = sou

te = te

temptabunt = tentarão

terra, ae = terra, país

tua, ae = tua

ursa, ae = urso

vident = vêem

vita, ae = vida

Através deste texto seria possível estabelecer paralelos lexicais entre diversas palavras a exemplo de: *invidiosa*, *vident*, *habitabis*, *femina*, *spectat*, *ambulat*, *amoena* etc, verificando o quanto estas palavras latinas se assemelham às palavras portuguesas, tanto na pronúncia quanto no sentido.

Além destas comparações é também possível desenvolver comentários sobre a cultura latina a partir da história URSA, já que, segundo a mitologia greco-romana Júpiter, também conhecido como Zeus tinha a fama de conquistador e procurava se passar pelos homens (maridos) das mulheres por quem simpatiza a fim de contrair relações amorosas com elas. Calisto foi uma de suas vítimas e da relação com Zeus tem um filho.



Fonte: <http://www.mitologia.templodeapolo.net/>. Acesso em 10 de outubro de 2013

URSA MAIOR E URSA MENOR

Segundo conta a lenda, Calisto era uma virgem muito linda, a ninfa preferida da deusa Artemis. Zeus apaixonou-se por Calisto e disfarçou-se de Artêmis seduzindo-a e dando-lhe um filho chamado Arca. Enciumada Artemis a afastara de suas ninfas seguidoras.

Hera, esposa de Zeus enciumada transformou Calisto em uma desajeitada urso. Um certo dia reconheceu seu filho caçando que caçava pelo bosque. Emocionada foi a seu encontro para abraça-lo quando ele desferiu sua lança em

direção à ursa, sem saber que era sua mãe, Zeus penalizado com a situação transformou os dois na constelação, Ursa Maior e Ursa Menor.

A partir dessa história podemos verificar o quanto a mitologia clássica nos influencia na atualidade, pois conforme Machado (2002, p. 26), as culturas greco-romanas antigas “são fontes inesgotáveis, onde sempre podemos beber”.

Segundo Machado, (2002, p. 29) são várias as expressões com referências gregas que nos acompanham, assim como, “presente de grego”, “calcanhar de Aquiles”, “narcisismo”; “canto da sereia” entre outros. Quem nunca ganhou um presente do qual não falou e reclamou dizendo: “isto é um verdadeiro presente de grego”. Tudo isso refere-se a toda uma história.

Enfim, são inúmeras palavras e reflexões que nos remetem ao passado, às nossas origens. À origem da nossa língua. “Negar isso às futuras gerações é um desperdício absurdo, equivale a jogar no lixo um patrimônio valiosíssimo que a humanidade vem acumulando há milênios” (MACHADO, 2002, p.30).

Não podemos considerar morta uma história que faz parte do nosso cotidiano, assim como não podemos considerar morta uma língua da qual se originou a nossa linguagem.

A fim de tratar das questões relativas às modificações de consoantes do latim para o português cito o artigo intitulado A origem das consoantes, publicado no livro Gramática metódica da língua portuguesa, do latinista Napoleão Mendes de Almeida (1998), pois mediante material é possível acompanhar e exemplificar as transformações sofridas pelas consoantes diacronicamente.

Podemos citar a letra d que, segundo Napoleão (1998, p. 35), muitas vezes é resultado do abrandamento do t: *latum*, lado; *amatum*, amado e, algumas vezes, tem origem num l: *Laxare*; deixar; *amyLaum*, amido.

O F latino, corresponde, com o ph: *phasiamum*, faisão; e ao b: *buBahum*, búfalo. O S na maioria das vezes corresponde ao de origem: vaso; (latim *vasum*), peso (latim *pensum*); o T segundo Napoleão, origina-se de ouro t: tanto de *tanum*, terra de *terram*. Conserva-se em certas palavras e locuções latinas usadas em português: déficit, superávit, habitat, occiput.

Estes aspectos poderiam contribuir para redução do preconceito relacionado ao modo de falar de muitas crianças, jovens, adultos e membros da terceira idade quanto à pronúncia e formação dos vocábulos.

Chama-se latim vulgar o latim falado pelas pessoas de pouca instrução da classe menos favorecidas da sociedade. Pessoas que não tinham interesse em ser um escritor ou um artista. Pessoas simples; soldados, trabalhadores que fazem uso da linguagem somente como um meio de comunicação e interação fazendo assim da maneira mais simples e mais fácil de ser compreendida.

O português de Portugal e o português brasileiro

Suponha que você esteja a passeio em Portugal, hospedado na casa de uma família portuguesa. Certa manhã, a dona da casa, antes de sair para um compromisso, diz a você:

– A Ritinha ainda está a dormir. Quando ela acordar, faz-me um favor: pega-a na cama, põe-lhe uma camisola, dá-lhe um copo de leite e lê para ela uma banda desenhada. Se quiseres falar-me, use o telemóvel.

O que dizem os linguistas

Do ponto de vista linguístico [...] a língua falada no Brasil já tem uma gramática – isto é, tem regras de funcionamento – que cada vez mais se diferencia da gramática da língua falada em Portugal. Por isso os linguistas [...] preferem usar o termo **português brasileiro**, por ser mais claro e marcar bem essa diferença.

Marcos Bagno. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2001. p. 24.

E então? O que você faria quando a Ritinha acordasse?

Brasil e Portugal têm, oficialmente, o mesmo idioma. No entanto, muitas vezes, não é fácil entender o que os portugueses falam. As diferenças são nítidas em todos os aspectos: na pronúncia, no vocabulário, no significado de determinadas palavras e expressões e, em parte, na estruturação sintática (organização das frases).

No texto acima, por exemplo, podemos identificar as seguintes diferenças:

Em Portugal	No Brasil
está a dormir	está dormindo
faz-me	me faz ou me faça
pega-a	pega-a ou pega ela
põe-lhe	põe/ponha nela
camisola	blusa
dá-lhe	dê/dá para ela
banda desenhada	história em quadrinhos
se quiseres falar-me	se quiser falar comigo
telemóvel	celular



Cartaz do 1º Festival Internacional BD de Beja, promovido pela Câmara Municipal de Beja, Portugal, 2005.

É possível encontrar nesta obra uma “Síntese dos Conteúdos Estudados” (p. 231), onde os autores retomam os conteúdos reforçando as explicações e os exemplos, e sugerem atividades aos alunos com questões referentes aos conteúdos estudados que podem ser encontrados nas páginas 231 a 237, com textos e questões referentes a Variações Linguística, e já na página 237, um quadro explicando sobre o que é léxico e vocabulário.

Nas questões propostas pelo autor pode-se encontrar no exercício nº um (1) o autor propõe aos alunos que identifiquem variação geográfica, histórica, situacional ou sociocultural. Sendo (A) uma charge que representa variação sociocultural, b) um texto informativo de referente a Portugal que representa variação geográfica, (c) a capa da gramática secundária da língua portuguesa e um texto sobre gramática descritiva referindo-se a variação histórica.

Nos exercícios dois (2), três (3) e quatro (4) o autor utiliza de trechos de textos e crônicas para que os alunos leiam e analisem o texto quanto à linguagem e suas variações.

Seria de grande valia se o autor mencionasse a origem da Língua Portuguesa também nas atividades, despertando nos alunos o interesse em saber de onde surgiu a nossa língua, não que queiramos ressuscitar o latim como tenho ouvido no decorrer do meu trabalho, mesmo porque, segundo Viaro (1999) ele permanece entre nós e nada mais justo do que repassar esse conhecimento aos sujeitos falantes da língua. Não que vamos ensinar o aluno a falar latim, o que não seria possível visto que é raro o professor que tenha conhecimento nessa área. Mas queremos lembrar sempre que a Língua Portuguesa tem como origem o Latim e que muitas palavras ainda fazem parte do nosso vocabulário.

A partir das leituras realizadas utilizando o conteúdo do Capítulo II, foi idealizado um questionário destinado a profissionais da Educação atuando em sala de aula, sobre a importância do livro didático como ferramenta de trabalho, discutindo a qualidade dos conteúdos que ali estão inseridos, as dificuldades de sua utilização e sobre a Variação Linguística presente nos livros didáticos e no aluno e nas formas de utilização da língua pelo aluno falante, qual a metodologia utilizada, recursos didáticos e uso da língua latina no processo de ensino/aprendizagem.

O Brasil por ser mais aberto as influências de outras línguas sofreu maiores modificações no português do que o português de Portugal o qual manteve-se mais impermeável às influências externas. Já o Brasil até hoje sofre influências linguísticas externas, tornando-se cada vez mais distante, não limitando-se apenas na diferença da pronúncia, mas também nos vocabulário, como, a palavra trem (falado no Brasil) e comboio (falado em Portugal).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve a intenção de contribuir para uma melhor compreensão sobre a língua latina, assim como ela deveria ser trabalhada nas salas de aulas, e pode-se mencionar que o Latim tem sua importância, pois é a partir dela que se sucedeu o Português.

As análises revelaram que pouco se faz (ou quase nada) uso da língua latina nas escolas, e também ocorre a rejeição por dar a língua latina status de língua morta ou fora de uso, o reflexo, ou fruto da retirada do Latim dos currículos escolares, pode ser confirmado na universidade pela ausência de um maior aprofundamento da língua latina.

Observa-se que o uso da língua latina foi raro. O latim é pouco lembrado enquanto ferramenta para maior aprofundamento da língua portuguesa. Em relação aos tópicos abordados no livro que se utilizam ou fazem referência à língua latina são um quadro que apresenta a semelhança ou forma da escrita da palavra vida em várias línguas incluindo o Latim, e um texto intitulado Ursa.

O livro didático para o professor é reconhecido como um recurso de apoio de grande valia, mas que tem de ser trabalho de forma condizente com a realidade e habilidade dos alunos, seu conhecimento de mundo. A linguagem ou ensino da língua portuguesa deve ser feito por intermédio de comparação e produção de textos (na forma culta e coloquial) para que o estudante compreenda e diferencie as duas formas e saiba quando usar determinada linguagem.

Não houve dificuldade para a realização do trabalho, mas sim dos professores em falar sobre a língua latina, há muita rejeição por não terem conhecimento da referida língua e por considerar um assunto retórico. E ao mencionar sobre o Latim aos professores, o que ouvi era “que seus alunos não sabem nem o Português como lhes ensinaria o Latim”. Sem ao menos saber que com o conhecimento do Latim facilitaria a compreensão da língua portuguesa.

Foi possível perceber que a língua latina está praticamente excluída do referencial curricular e do livro didático. E ao mencionar sobre a mesma com os professores o que ouvi e que “queremos ressuscitar o Latim”.

Deixamos, a nossa pesquisa aberta a novos olhares, pois compreendemos que com o termino deste trabalho não se esgotou o referido assunto, que ainda há muito a ser discutido quanto à ideia do Latim no livro didático (do professor), já que, esta é a base da origem da língua portuguesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida, Napoleão Mendes de. **Gramática latina**. 29ª Ed. São Paulo: Saraiva: 2000.
_____. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 42ª Ed. São Paulo: Saraiva, 1998.

AMARAL, Emília; PATROCÍNIO, Mauro Ferreira do; Leite, Ricardo Silva; BARBOSA, Severino Antônio Moreira. **Novas palavras**. Nova edição, Língua Portuguesa, Ensino Médio, volume I, 2010.

BASSETTO, Bruno Fregni. **Elementos de filologia românica: história externa das línguas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

BORTOLANZA, João. **O professor de Letras e a filologia**. CIFEFIL, Rio de Janeiro, 2001.

_____. **Consanguinidade Latim- Português**. CIFEFIL, Rio de Janeiro. 2001.

_____. **O latim e o ensino de português**. Revista Philologus, ano 6, nº 18, Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2000. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/revista/artigo/6\(18\)77-85.html](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/6(18)77-85.html)>. Acessado em 02 de novembro de 2013.

BUENO, Luzia. **Os gêneros jornalísticos e os livros didáticos**. Campinas, S. P: Mercado de Letras, 2011.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

Freitas, Neli Klix; RODRIGUES, Melissa Haag. **O LIVRO DIDÁTICO AO LONGO DO TEMPO: A FORMA DO CONTEÚDO**. <http://www.ceart.udesc.br/revista_dapesquisa/volume3/numero1/plasticas/melissa-neli.pdf>. Acessado 02 de novembro de 2013.

Livro didático: história, importância e possibilidades. <<http://biosferams.org/2011/10/livro-didatico>>. Acessado em 02 de novembro de 2013.

MACHADO, Ana Maria. **Entre gregos e troianos. Apud Como e porque ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MARTINS, Maria Cristina. **A LÍNGUA LATINA: SUA ORIGEM, VARIEDADES E DESDOBRAMENTOS** < <http://www.filologia.org.br/revista/36/02.htm> > Acessado em 02 de novembro de 2013.

MURIEL <franciscomuriel.blogspot.com/2007/10/do-latim-ao-portugus.html >
Acessado em 02 de novembro de 2013.

NUNES, A.M.;LIMA, T.S.L.M. **A língua latina: um rio que flui por baixo de uma camada de gelo**. Anais do VII Congresso Internacional da Abralín. Curitiba, 2011.

SANTOS, Gilson Magno dos. **A cultura latina na contemporaneidade**. Conferência realizada em 17 de abril de 2008 na Academia de Letras da Bahia, por ocasião de sua sessão ordinária mensal.

SILVA, Jane Quintiliano Guimarães; ASSIS, Juliana Alves ; MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. **Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 239 p. (Orientações curriculares para o ensino médio; volume 1) ISBN 85-98171-42-5.

VIARO, Mario Eduardo. **A importância do latim na atualidade**. Publicado na Revista de ciências humanas e sociais, São Paulo, Unisa, v. 1, n. 1, p. 7-12, 1999.

ANEXOS

**Cópia do material analisado – Livro didático Língua Port.:
Novas Palavras**

coleção
NOVAS PALAVRAS
NOVA EDIÇÃO

LÍNGUA PORTUGUESA

Emília Amaral
Mauro Ferreira
Ricardo Leite
Severino Antônio

NOVAS PALAVRAS

CÓDIGO
25131COL01

NOVA EDIÇÃO

MATERIAL DE
DIVULGAÇÃO

 **FTD**

1

ENSINO MÉDIO

 **FTD**

MANUAL do PROFESSOR

Variação histórica

O quadro 1, abaixo, apresenta os versos iniciais de um poema, em sua redação original; o quadro 2 mostra uma versão atualizada desses mesmos versos. Leia-os e compare:

1. Cantiga da Ribeirinha

No mundo non me sei parelha,
mentre me for como me vai,
ca já moiro por vós – e ai!
mia senhor branca e vermelha,
[...]

Paio Soares de Taveirís. In: Massaud Moisés. *A literatura portuguesa através dos séculos*. São Paulo: Cultrix, 1968. p. 16.

2. Cantiga da Ribeirinha

No mundo não conheço quem se compare a mim
enquanto eu viver como vivo,
pois eu morro por vós – ai!
pálida senhora de face rosada,

Professor, segundo pesquisadores da literatura, esse poema foi composto em 1198 ou 1199.

Noções de variação linguística • 225

O português de Portugal e o português brasileiro

Suponha que você esteja a passeio em Portugal, hospedado na casa de uma família portuguesa. Certa manhã, a dona da casa, antes de sair para um compromisso, diz a você:

– A Ritinha ainda está a dormir. Quando ela acordar, faz-me um favor: pega-a na cama, põe-lhe uma camisola, dá-lhe um copo de leite e lê para ela uma banda desenhada. Se quiseres falar-me, use o telemóvel.

O que dizem os linguistas

Do ponto de vista linguístico [...] a língua falada no Brasil já tem uma gramática – isto é, tem regras de funcionamento – que cada vez mais se diferencia da gramática da língua falada em Portugal. Por isso os linguistas [...] preferem usar o termo **português brasileiro**, por ser mais claro e marcar bem essa diferença.

Marcos Bagno. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2001. p. 24.

E então? O que você faria quando a Ritinha acordasse?

Brasil e Portugal têm, oficialmente, o mesmo idioma. No entanto, muitas vezes, não é fácil entender o que os portugueses falam. As diferenças são nítidas em todos os aspectos: na pronúncia, no vocabulário, no significado de determinadas palavras e expressões e, em parte, na estruturação sintática (organização das frases).

No texto acima, por exemplo, podemos identificar as seguintes diferenças:

Câmara Municipal de Beja, 2005. Citação: Susa Mourato



Cartaz do 1º Festival Internacional BD de Beja, promovido pela Câmara Municipal de Beja, Portugal, 2005.

Em Portugal	No Brasil
está a dormir	está dormindo
faz-me	me faz ou me faça
pega-a	pega-a ou pega ela
põe-lhe	põe/ponha nela
camisola	blusa
dá-lhe	dê/dá para ela
banda desenhada	história em quadrinhos
se quiseres falar-me	se quiser falar comigo
telemóvel	celular

Origens e geografia da língua portuguesa

O português teve origem no latim, por isso é chamado de língua **neolatina**. Na Roma antiga, sede do poderoso império romano, eram faladas duas variedades de latim: o *latim vulgar* (língua falada espontaneamente pelo povo) e o *latim literário* (usada pelos escritores, legisladores e demais pessoas cultas da época).

O império romano, durante séculos, pôs em prática uma política de expansão territorial. Quando dominavam um povo, os romanos levavam para a nova região conquistada seus costumes, suas leis e também sua língua. Como a língua falada no cotidiano era o latim vulgar, essa variedade, com o passar do tempo, misturava-se à língua local, dando origem a uma língua um pouco diferente, que já não era mais o latim.

Foi isso que aconteceu na Península Ibérica (onde hoje ficam Portugal e parte da Espanha) entre o século II a.C. e o século V d.C., período durante o qual os romanos ocuparam a região e dominaram os celtiberos e alguns outros povos que lá viviam. A língua resultante da fusão do latim vulgar com o idioma dos celtiberos foi se modificando e, mais tarde, recebeu influências de idiomas de povos bárbaros e árabes que, depois dos romanos, também dominaram a Península. Aos poucos, essa língua foi se transformando na língua portuguesa.

Muitos séculos depois, quando Portugal se tornou um império marítimo, a língua portuguesa espalhou-se pelo mundo. Atualmente, o português é o idioma oficial de oito países: Portugal, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Angola, Moçambique e Timor Leste.



Regina Vasconcelos e Alton P. Alves Filho. *Atlas geográfico ilustrado e comentado*. São Paulo: FTD, 1999.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

UNIDADE UNIVERSITARIA DE JARDIM

Acadêmica – Maria Elza Cabral – TCC

Curso: letras

Professor: ----- Turno: -----

--

Tempo de Magistério: -----

-

Considerando sua formação acadêmica, seu conhecimento historicamente acumulado e experiência em sala de aula contribuam com seus conhecimentos acerca das indagações abaixo:

1- Qual sua concepção sobre a importância do livro didático como instrumento do ensino e aprendizagem?

2- Quais as características de um bom livro didático?

3- No seu ponto de vista quais dificuldades encontradas para o trabalho com o livro didático?

4- Em relação a Variação Linguística presente nos livros didáticos e no aluno e nas formas de utilização da língua pelo aluno falante, qual a metodologia utilizada, recursos didáticos e uso da língua latina no processo de ensino/aprendizagem.